



**O CONFLITO *PATHOLÓGICO*
ENTRE EROS E THÂNATOS
NO POEMA 'A ÁTIS',
DE SAFO, DE LESBOS**

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA



**O CONFLITO *PATHOLÓGICO*
ENTRE EROS E THÂNATOS
NO POEMA 'A ÁTIS',
DE SAFO, DE LESBOS**

SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

2022 – Editora Unigala

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Autor

Sérgio Rodrigues de Souza

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tiatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729c Souza, Sérgio Rodrigues de
O Conflito Pathológico entre Eros e Thânatos no Poema 'A Átis',
de Safo, de Lesbos / Sérgio Rodrigues de Souza. – Formiga
(MG): Editora Unigala, 2022. 29 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-995692-3-4

DOI: 10.5281/zenodo.6600949

1. Conflito Pathológico. 2. Eros. 3. Thânatos. 4. Poema 'A Átis'.
5. Safo. 6. Lesbos. I. Souza, Sérgio Rodrigues de. II. Título.

CDD: 152.41

CDU: 159.9

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2022/05/o-conflito-pathologico-entre-eros-e.html>



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

**O CONFLITO *PATHOLÓGICO* ENTRE EROS
E THÂNATOS NO POEMA 'A ÁTIS',
*DE SAFO, DE LESBOS***

2022

“Quando o coração humano supera os seres divinos...

O que os deuses poderão castigar?

O que os deuses poderão perdoar?”

O CONFLITO *PATHOLÓGICO* ENTRE EROS E THÂNATOS NO POEMA ‘A ÁTIS’, DE SAFO, DE LESBOS

Safo de Lesbos (Σαπφώ), a poetisa imortalizada por Platão (428-348 a.n.e.) com o epíteto de *Décima Musa* e por Sólon (638-558 a.n.e.), que também era poeta e que, após seu neto ler-lhe um poema de Safo, expressou: “Agora posso morrer em paz!”

Safo possuía uma escola para moças e entre estas, figura uma em especial que ficou marcada pelo fato de que chegou até nossos dias um fragmento de um poema dedicado a esta jovem que, na iminência de cumprir as obrigações culturais do matrimônio, deixa seu seminário e vai para a Etiópia, em seus esponsais.

Assim expressa Safo, a imortal Musa da Poesia lírica clássica grega, em um belíssimo desabafo *pathológico*, dirigindo-se à sua amada, Átis:

“Semelhante aos deuses parece-me que há de ser o feliz mancebo que,
sentado à tua frente, ou ao teu lado,
te contemple e, em silêncio, te ouça a argêntea voz
e o riso abafado do amor.

Oh, isso - isso só - é bastante
para ferir-me o perturbado coração, fazendo-o tremer
dentro do meu peito!

Pois basta que, por um instante, eu te veja
para que, como por magia, minha voz emudeça;
sim, basta isso, para que minha língua se paralise,
e eu sinta sob a carne impalpável fogo

a incendiar-me as entranhas.
Meus olhos ficam cegos e um fragor de ondas
soa-me aos ouvidos;
o suor desce-me em rios pelo corpo, um tremor (...)
Eros de novo, este quebra-ossos, atormenta-me,
Eros amargo e doce, a invencível criatura,

Oh, minha Átis!
E tu, enfasiada de mim, foges para Andrômeda!”

“Seria bem melhor para mim se tivesse morrido.”

Pathos é um vocábulo grego, com uma dificuldade singular de se traduzir, mas que preconizou-se como sendo possível impingir-lhe um significado a partir da expressão *sentimentos* e, não somente de uma forma genérica, mas expressando *sentimentos profundos*, ou seja, existe em sintonia, bem arraigado ao termo, todo um conjunto de sensações que não podem ser expressadas de maneira simplória e, muito menos podendo ser compreendida pela mesma via de análise, o que dificulta, sobremaneira, sua sintetização teórica e, quando agrega-se-lhe a expressão *conflito*, há que fazer-se entendê-la através do pensamento de Martelli¹, que expressa como sendo a luta entre o desejo e a impossibilidade de satisfação deste mesmo desejo. Não se trata de estar ou não exposto a uma situação sobre a qual pouco ou muito pouco se conhece, porque sobre os próprios sentimentos e como se irá reagir em determinada situação, nada se conhece de fato, além de conjecturas.

¹ MASENS, Luis Eligio Martelly. Profesor Titular de la Facultad de Arte de la Universidad de Ciencia Pedagógica “Enrique José Varona” - La Habana (CU). Comunicación al autor durante formación doctoral, 2015.

Nos casos em que envolvem sentimentos mais profundos e estranhos como o amor, por exemplo, existe um tipo especial de conflito que é o chamado de *relação de amor e ódio*, em que na mesma proporção em que se ama determinado alguém o odeia, porque, a sua mera existência provoca dor e alegria, felicidade e angústia, especialmente quando este sentimento não é partilhado da forma como se deseja, ainda que seja mútuo.

A existência humana é marcada por conflitos de todas as espécies e a mais profunda deles é quando se depara com os embates emocionais, em que cada um deles se diz com razão superior e, portanto, devem determinar os rumos da vida do indivíduo. A isto, Freud classificou como a luta entre o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*.

Em nenhum momento, o Mestre de Viena eliminou as emoções da discussão, apenas referiu-se ao fato de que estas devem ser postas a serviço da economia psíquica, buscando manter-se equilibrada e na tentativa de o fazer, tem-se a origem de intensos conflitos, estes de natureza *patológica*, sentimental.

As formas de amar e de expressar o amor por alguém são construções particulares e demonstrações singulares, estando, na maioria das vezes, os amantes em posições bem diferentes e que colocam a cada qual em uma medida de representação que mostra-se incompatível com a outra. E esta maneira de comportar-se pode provocar confrontos de ambos os lados, um considerado pelo outro por falta; o outro, por excesso.

As paixões humanas estão concentradas no nível inconsciente da existência. Sobre elas, Sócrates (469-399 a.C.) argumentava que são como um vulcão adormecido e que, quando explode, destrói tudo em seu raio de expansão. Nada mais natural que sob intenso ardor da paixão lírica, a

Imortal Musa da Poesia criasse versos tão intensos, como ditados pela boca do próprio Eros e, paradoxalmente, o concluísse com uma violência psicológica que mais se assemelha a um desejo proporcionado, diretamente, por Tântatos.

Eros é o Deus do Amor, aquele que fere as pessoas de morte com suas flechas, sendo assim um deus civilizador por excelência, o que pode representar aí, um paradoxo, mas eis que se faz necessário um entendimento profundo sobre o que represente esta expressão *deus civilizador por excelência*.

É graças ao imenso poder civilizador de Eros que as pessoas se unem, em laços profundos, tanto afetivamente quanto romanticamente e, ainda [*também*] genesicamente, buscando perpetuarem-se na e através da pessoa amada, em uma tentativa frenética de fusão a partir de um êxtase. Ambos os amantes, apaixonados, saem de si e encontram-se na fusão erótica de seus espíritos, inflamados pela categorização da experiência que os atravessa de forma singular, irrepetível, tanto no tempo quanto no espaço.

E é por ser uma experiência única cada um dos encontros entre os pares apaixonados, ou seja, impossível de ser praticada com a mesma intensidade uma outra vez, mas movidos pelo desejo de extasiar-se em si mesmos que o amor tende a crescer e o desejo a ser infinito. Para um ser que se entrega ao ardor da paixão, a próxima volúpia será sempre sentida com mais intensidade que a última, não havendo compromisso em satisfazer ao outro, mas a si mesmo, como expressa Lou-Andreas Salomé (1861-1937), ao afirmar que os amantes continuam sendo, ao final, um mistério um para o outro, porque no êxtase do gozo, cada qual está buscando encontrar a si mesmo e a satisfazer a sua própria volúpia amorosa, sempre incompleta.

O mais interessante neste poema é como Safo parece exaltar o homem que tomou a sua paixão em matrimônio, referindo-se a ele como um ser *semelhante aos deuses*; no entanto, marcado nas entrelinhas do seu ódio encarniçado, está a exaltar a si mesma como somente sendo possível de ser superada por alguém que estivesse no nível dos deuses, não por um humano. Esta é uma fuga psicológica muito utilizada, nos momentos de angústia a fim de mascarar o sentimento de derrota, impotência e redução a um estado espiritual de grande decadência, em que o indivíduo é tomado por um sentimento de inferioridade sem precedentes e, como mecanismo de defesa seu cria um estado megalomaniaco, atrás do qual procura manter-se escondido, crendo que está, desta forma, protegido da dor.

Pode-se observar que a própria Musa da Poesia Lírica Clássica revela que, não está protegida de nada e seus sentimentos a traem de modo severo, conduzindo-a da ira e do ódio ao desespero e, por fim, ao mais estridente amor erótico. Escreve ela, em tom de revelação “basta que, por um instante, eu te veja para que, como por magia, minha voz emudeça; sim, basta isso, para que minha língua se paralise, e eu sinta sob a carne impalpável fogo a incendiar-me as entranhas. Meus olhos ficam cegos e um fragor de ondas soa-me aos ouvidos; o suor desce-me em rios pelo corpo, um tremor (...)”.

Safo põe no coração de sua antiga amante o amor mais sublime e mais poderoso nascido de sua decisão superior de amar a um homem, com toda a magia e a força de Eros, superando a condição de imposição da cultura sobre os jovens. Para Safo, mesmo que tenha sido abandonada e trocada por outro, Átis o amava de modo deliberado, decidindo sobre seu futuro como alguém dotado de poder para tal. E, no mesmo verso, expõe que Eros, o

deus civilizador por excelência continua a zombar dos humanos, porque deixa a paixão dominar somente um dos amantes, criando uma situação cruel de litígio, porque, paradoxalmente, aquele que mais julga sentir amor pelo objeto amado, passa a sentir ódio e a desejar-lhe a morte, onde entra Tânatos, o deus da morte.

Mesmo que de modo consciente pareça existir uma indiferença sobre o objeto-alvo da paixão, nas dobras do mundo inconsciente, o desejo ambíguo latente de posse e de morte com relação ao mesmo persiste e, não raro estes desejos manifestam-se nos sonhos, o que já, por si só, revelam a existência de uma impossibilidade de uma re-aproximação libidinal erótica física com o objeto amado.

A manifestação onírica de desejos ambivalentes sobre o mesmo objeto demonstra que o indivíduo não possui uma clareza objetiva quanto ao que sente, de fato, pelo ser que diz amar ou ser objeto de seu amor. Este, o brilho mais intenso da psicologia do amor; esta dúvida cruel, este conflito pathológico entre os desejos de amor e de ódio, de obsessão e de morte.

No respectivo poema de Safo, ela faz referência a que “seria, para mim, bem melhor que tivesse morrido!” e, esconde nesta frase outra genialidade de seu pensamento, porque deixa em aberto, uma dúvida cruel, sobre se está a referir-se a Átis ou a si mesma?!

O recurso literário, por ela utilizado, é fantástico, criando uma dimensão de horror e comiseração por parte do seu leitor. Um jogo dinâmico de palavras que escondem seus verdadeiros sentimentos, fazendo com que haja uma interação íntima de quem aprecia seus versos. Eros e Thânatos, aversão e paixão, conquistas e derrotas, amor e ódio; sobre o quê, realmente, trata o poema *À Átis*?

O que mais impressiona, nesta peça poética, é que a autora não se está fazendo uso de um jogo linguístico, uma vez que possuía um profundo conhecimento da natureza psicológica humana, o que permite deduzir que as sutilezas dramatúrgicas que embelezam este poema em particular, é uma expressão catexial daquilo que sentia, de fato, com relação à perda de seu grande amor.

O paradoxo que domina a sutileza humana, quando confrontada com perdas e conquistas, especialmente no campo da paixão, representa sempre uma surpresa que, via de regra, somente os poetas sabem bem como expressar e não se trata de serem indivíduos mais bem preparados ou conhecedores mais profundos das dores de espírito do seu objeto de estudo; é, em primeiro instante, por gozarem de uma liberdade infinita para se exporem, sem caírem no ridículo e, depois, a sensibilidade de que dispõem para expressarem tais coisas.

Tomados pela licença poética, os escritores criativos [*como Freud os preferiu chamar*], descrevem situações de conflitos endógenos com uma precisão cirúrgica e todos atribuem a estes um conhecimento psicológico humano [*quase*] inigualável, o que é nada mais que uma ilusão pueril, porque aquilo que o gênio da poesia realiza é uma descrição de seu Eu, de sua dor, daquilo que sente como elementos inerentes à sua angústia e sua melancolia.

No caso de Safo, no poema *À Átis*, ela está a descrever exatamente o que se passa em seu espírito, somente pelo fato de, por um instante, ver a figura amada. Mesmo que se mantivesse, aparentemente, sóbria diante da donzela, seu espírito era tomado por uma sensação ébria que a destruía e a todas as suas defesas éticas. A esta sensação ébria, ela batizou com o nome de Eros, mas eis que ela está a falar de um tipo de amor selvagem, que

possui seu espírito civilizador e o impõe sobre todos, sem importar-se com as consequências, o que Platão vem combater com seu ideal de amor sublime, batizado mais tarde com o epíteto de *Amor Platônico* e que, milênios depois, Sigmund Freud iria chamar de *amor ídico*, motivado pelo desejo absoluto de posse.

O mais interessante é que a tomar o poema em questão, não parece tratar-se de uma construção que fora completamente elaborada após a partida da ninfa Átis, para a Etiópia e sim que tratava-se de fragmentos de expressão daquilo que sentia ao ver a sua doce amada. O primeiro trecho apresenta-se como uma elucubração sobre uma situação hipotética perfeita entre eternos amantes. Na segunda parte, expõe os terrores que a Deusa Mnemósine impõe sobre si, provocando excitações e fazendo surgir palpitações taquicárdicas. Na terceira parte, descreve o poder que a visão da doce criatura exerce sobre si, tornando-a desconcertada em relação ao estado de existência, porque, em sua descrição, seu corpo não lhe obedece e uma volúpia toma conta de si.

No trecho seguinte, deixa nas entrelinhas que fora sua possessividade esquizofrênica que faz com que sua Pupila vá para Andrômeda, na Etiópia, ignorando que havia leis naquele momento que obrigavam os jovens ao matrimônio, visando à geração de filhos. Por último, na forma de um suspiro, deixa escapar que preferia a morte a ter que passar por aquela situação de sofrimento, não determinando sobre qual das duas deseja que tivesse recaído a inexistência.

Uma situação de análise que propõe um desafio ao leitor moderno, acostumado a odiar a todos como resposta a uma negativa sobre si, é porque Safo coloca no campo semântico-filológico-poético, Eros e Thánatos e não amor e

ódio e a resposta é complexa, mas, não impossível de ser apresentada com profundidade e clareza epistemológica e gnosiológica, dado que está-se a referir a uma mulher que destoa de seu sexo e todas as nuances que este carrega em si.

Safo não odeia a bela Átis por ela ter ido embora. Continuou a amá-la desesperadamente, mesmo sabendo que suas chances haviam se encerrado com sua partida e sua condição matrimonial, afinal, não havia como enfrentar a lei. Esta era soberana; indiscutível e inflexível, quanto ao seu cumprimento. O ódio sugere a condição de uma ação de vingança contra o antes objeto de amor, em que deseja impor sobre ele a mesma dose de dor que se julga estar sentindo, por culpa daquele que se ama.

A ambiguidade apresentada no poema sugere duas coisas distintas e que confluem para um aspecto paradoxal em que, se Safo está a desejar a própria morte, isto faria com que seu sofrimento tivesse fim; terminaria sua angústia pessoal. Se está, ao contrário, a desejar que Átis tivesse morrido, sua angústia seria uma representação muito mais dolorosa da existência, tendo que suportar até mesmo a perda da imagem de sua amada, à medida que sua memória fosse perdendo o vigor.

A métrica sobre a qual o poema fora criado já provoca diversas formas de questionamento sobre sua expressividade, demonstrando que, além de poder ser classificado dentro do contexto do lirismo clássico, da forma mais nítida, transpõe-se, por sua força, ao campo do existencialismo clássico, explorando a subjetividade do escritor, forçando-a a uma plena manifestação exógena, sem temor do juízo de seus leitores.

Se, como a maioria crê, trata-se de um fragmento, que outras considerações poderiam ser exploradas a partir

de uma exortação de seu sofrimento despertado pela partida da amada? E, por que expressa afirmando que “Átis, enfasiada”, foge de sua companhia? Até que ponto a jovem donzela criou um espetáculo, a fim de esconder seus reais sentimentos por sua Mentora? Que leituras, a Musa da Poesia Grega elaborou a partir do discurso de sua amada?

Que palavras de ódio e repulsa teve que suportar, vindos de sua antiga pupila, para que esta pudesse partir com seu coração em paz?

A tudo isto, o poeta latino, Virgílio, apenas suspira e murmura: “*Maldito amor, a que não levas tu a fazer os corações mortais!*” (Virgílio)²

Eros e Thânatos representam os dois princípios universais que regem a existência humana, que de uma maneira magistral foram utilizados pelos poetas gregos para expressarem os sentimentos de ambiguidade que refletiam naqueles que observavam, dada a convivência. Na poesia e na tragédia grega, estes sentimentos conflitantes estão presentes nas mais variadas formas de expressão subjetiva, principalmente, porque os cidadãos gregos desconheciam o sentimento de *vendeta* (vingança), como vai tratar o latino, muitos séculos mais tarde.

Para os gregos, sendo Eros e Thânatos [*tomados como princípios elementares da existência humana*], os representantes da vida e da morte [*aqui representados como lembrança e esquecimento, respectivamente*] em seu sentido mais profundo de ser e, não como se preconizou traduzir, pretensamente de modo literal, *vida e morte*, porque os gregos da Antiguidade Clássica não tomam a ambos como antagonismos que merecia repulsa, mas sentidos que deveriam ser buscados e em sua conquista, ao atingir o objetivo, automaticamente, evitar-se-ia o outro.

² VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

No caso específico do poema de Safo, o que ela expressa, ao deixar transparecer o desejo de morte em seus versos? Ali parece posto, o sentimento de prazer que a simples presença de sua paixão provoca e, observa-se que toda a exposição de seu frenesi, posta pela Musa leva a um êxtase que ultrapassa o próprio gozo existencial, porque demonstra que a própria existência está demarcada a partir de tudo o que sente seu espírito. É um estado de desequilíbrio que exalta a vida como tendo necessidade de tudo aquilo para fazer sentido e ter qualquer razão absoluta de ser. No entanto, tudo isto, paradoxalmente, causa desprazer e sobrevém a necessidade de encontrar uma forma de fazer com que desapareça e a única que pensa, em meio ao desespero, algo como a expressão de esquecimento, banindo o objeto de amor, que em contraste, é também, objeto de dor.

Os sentimentos que são despertados mostram-se ambíguos e, por mais que se busque uma compreensão, o máximo que se consegue aproximar é de um entendimento dedutivo sobre o que move os indivíduos em uma ou outra direção, sempre sem respostas objetivas. Para o grego, morrer significava *ser apagado da memória*; mas, será que a Poetisa estava pensando nisto, ao desejar a morte [*para si ou para Átis*]?

Aí está posto o conflito real entre Eros e Thânatos, porque da mesma forma que o Deus da Morte poderia acabar com o sofrimento, de uma vez por todas, acabaria, de igual forma, com todo um conjunto de memórias encantadoras que promoviam-lhe a alegria e a felicidade. Este é o conceito interpretativo mais profundo acerca do conflito humano, em que até mesmo no instante em que se encontra a solução, ela também se mostra conflituosa sobre os efeitos, porque ao mesmo tempo em que se deseja algo,

deseja-se somente o melhor deste algo, tentando negar o pior deste algo e, ao se negar isto, perde-se toda a essência da existência, como tal, ou seja, perde-se a paixão pelo conflito e, haveria poesia lírica sem a existência do conflito? Safo encontraria motivações para escrever com tamanha propriedade intelectual sobre o conflito erótico que domina o espírito humano, caso fosse uma mulher realizada afetiva e romanticamente?

EROS E THÂNATOS

Eros era o deus mais poderoso que existia. Reinava não somente sobre os homens, mas também sobre os animais destituídos de razão. Logo que nasceu, Zeus quis que Afrodite dele se desfizesse, pois sabia o pai dos deuses, melhor do que ninguém, quantas perturbações aquele menino alado traria ao mundo. Para fugir à ira do Pai dos deuses, escondeu-o em um bosque onde cresceu alimentando-se de leite de feras selvagens. Daí seu espírito feroz...

Certa vez Afrodite queixou-se à deusa Têmis que seu filho permanecia sempre criança. Esta lhe respondeu que cresceria se ela desse-lhe um irmãozinho. Assim, Afrodite deu-lhe por irmão Ântero, que significa *Amor para* ou *Amor contra*, o que já coloca uma situação complexa de desejo possessivo como desejo de repulsa. No entanto, as análises sempre recaem sobre aquele que deseja possuir o objeto amado, o que fez com que fosse associado ao grego *Ímeros* e ao latim *Cupido* (que significa *desejo ardente*). Quando estão juntos, o Amor cresce, mas volta a ser menino quando Ânteros o deixa. É uma alegoria cujo sentido é que o afeto necessita de ser correspondido para desenvolver-se. As feridas causadas por Eros são mortais; isto porque certa feita caminhavam o Eros e Thânatos, cada um a seus intentos, e veio a fazer noite sobre ambos e hospedaram-se na mesma estalagem; levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos, e como havia pouca luz, sucedeu que trocaram suas aljavas; e porque o Eros levou as setas da Morte, daqui veio que dali por diante as suas feridas tornaram-se mortais!

Eros, nos tempos primitivos é considerado um dos grandes princípios do universo e até o mais antigo dos

deuses. “É a Potestade³ que preside à união amorosa, o seu domínio estende-se irresistível sobre Deuses e sobre homens (*de todos os Deuses e de todos os homens doma no peito o espírito e a prudente vontade*). Ele é um desejo de acasalamento que avassala todos os seres, sem que se possa opor-lhe resistência: ele é solta-membros (*lysimelés*).”⁴

Representa ele, a força poderosa que faz com que todos os seres sejam atraídos uns pelos outros, e pela qual nascem e se perpetuam todas as raças. Mitologicamente, não sabemos quem é seu pai, mas os poetas e escultores concordam em lhe dar Afrodite por mãe, e é realmente naturalíssimo que seja filho da beleza.

Eros era frequentemente considerado um civilizador que soube mitigar a rudeza dos costumes primitivos. É considerado um dos grandes princípios do universo e até o mais antigo dos deuses. Representa a força poderosa que faz com que todos os seres sejam atraídos uns pelos outros, e pela qual nascem e se perpetuam todas as raças. Seu poder unia os elementos para fazê-los passar do Caos ao Cosmos, ou seja, ao mundo organizado. “Eros, enquanto um dos quatro elementos que são a Origem, ao ser nomeado e ao presentificar-se o seu domínio, envolve já a referência a todos os homens e todos os Deuses, que surgirão *depois dele*.”⁵ A imagem evocada pelo nome *Eros* é a união do par de elementos masculino e feminino e a resultante procriação da descendência deste par. (...) é a potência que preside à procriação por união amorosa.

A arte apoderou-se dessa ideia, apresentando até mesmo os animais ferozes submetidos ao irresistível poder

³ Divindade Suprema.

⁴ HESÍODO. *Teogonia (A Origem dos Deuses)*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 34.

⁵ *Idem*, 1995, p. 34.

do filho de Afrodite. Nas Antigas pedras gravadas pode-se vê-lo montado num leão a quem enfeitiça com os seus acordes; outras vezes atrela animais ferozes ao seu carro, após domesticá-los, ou então quebra os atributos dos deuses, porque o universo lhe está submetido. Também os poetas falam sem cessar da crueldade do Deus alado: “Formosa Afrodite, filha do mar e do rei do Olimpo, que ressentimento tens contra nós? Por que deste a vida a tal flagelo, Eros, o deus feroz, impiedoso, cujo espírito corresponde tão pouco aos encantos que o embelezam? Por que recebeu asas e o poder de lançar setas, a fim de que não pudéssemos safar-nos dos seus terríveis golpes?” (Bíon).

Na trilogia de *Oedipus Tyranus*, na peça *Antígona*, o Coro expressa estas palavras sobre Eros: “Amor, invencível Amor, tu que subjugas os mais poderosos; tu que repousas nas faces mimosas das virgens, tu que reinas, tanto na vastidão dos mares, como na humilde cabana do pastor; nem os deuses imortais, nem os homens de vida transitória podem fugir a teus golpes; e quem for por ti ferido, perde o uso da razão! Tu arrastas, muita vez, o justo à prática da injustiça, e o virtuoso ao crime; tu semeias a discórdia entre as famílias... Tudo cede à sedução do olhar de uma mulher formosa, de uma noiva ansiosamente desejada; Amor, te equiparas, no poder, às leis supremas do universo, porque Afrodite zomba de nós!”⁶

Thânatos representa o aspecto perecível e destruidor da vida, como elemento existencial, e está presente em quase todos os ritos de passagem conhecidos. Toda iniciação passa por uma fase de morte (esquecimento), para que se possa chegar a uma vida nova e ingressar em uma

⁶ SÓFOCLES. *Antígona*, s.d., p. 252.

nova forma de existência. Ele extirpa as forças negativas e liberta as energias espirituais.⁷

Os gregos não entendiam a morte como o fim da vida e sim como o fim da existência e isto pode parecer complexo, porque para eles, deixar de existir é cair em Lettes (esquecimento) e era por este motivo que os poetas, aedos e rapsodos eram tão respeitados em toda a cultura grega. Graças aos seus cantos e poemas os grandes heróis e deuses permaneciam vivos, existindo para além da sua presença corpórea.

Thânatos era um deus odiado até mesmo pelos imortais, não porque o temessem como a um ser que poderia por fim a toda uma vida, mas porque condenava os deuses a terem seus cultos interrompidos, ao levar embora da existência carnal, os adoradores e filhos destes seres imortais, fazendo com que não tivessem mais suas libações e oferendas.

Observa-se que Eros e Thánatos estão sempre caminhando juntos em muitas passagens históricas da mitologia grega e isto contribuiu para uma interpretação de que são forças antagônicas, mas que, no ciclo existencial se fundem como elementos integrantes. Ao longo do tempo, sofreu mutações em sua compreensão, vindo a ser entendida como a contradição Memória-Esquecimento, Vida-Morte, Amor-ódio. No entanto, o que nos interessa aqui, neste trabalho é o conflito *pathológico*, sentimental profundo, em que o poeta (Safo, de Lesbos) faz todo um jogo de expressão de sua dor e não sabe o que realmente dói em seu espírito, a perda do amor ou a perda da

⁷ Evaldo D' Assumpção. *Thanatos: a morte, na mitologia grega*. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1204071/2017/11/thanatos-a-morte-na-mitologia-grega/>. Acesso em 14/11/2020.

capacidade de buscar um novo amor, por julgar o seu objeto amado [*perdido*], como sendo único e insubstituível.

SOBRE SAFO, DE LESBOS

Safo foi uma poetisa grega que viveu na cidade de Lesbos, ativo centro cultural no século VII a.C. Foi muito respeitada e apreciada durante a Antiguidade, sendo considerada, por Platão, como *a décima musa*. No entanto, sua poesia, devido ao conteúdo erótico, sofreu censura na Idade Média por parte dos monges copistas, e o que restou de sua obra foram escassos fragmentos. Sua poesia era considerada das mais sublimes. Dentre os gregos que lhe foram contemporâneos e pósteros, Safo era considerada uma dos chamados *Nove Poetas Líricos* (os outros eram: Alcman, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Píndaro e Baquilides). Estrabão escrevera que *“Safo era maravilhosa, pois em todos os tempos que temos conhecimento não sei de outra mulher que a ela se tenha comparado, ainda que de leve, em matéria de talento poético.”*

Assim como Homero era conhecido como o *Poeta*, Safo era conhecida como a *Poetisa*. Narram, ainda, os historiadores, que tendo Excetides declamado um canto de louvor a Safo para Sólon, seu tio, este pediu que o moço o ensinasse todo, de tanto que o agradou. Alguém então perguntou-lhe para quê queria tal coisa, ao que o célebre jurista respondeu: *“Quero aprendê-lo, e depois morrer!”*

Mas, nenhum epigrama foi capaz de representar maior proximidade ao êxtase que seus versos provocavam do que este: *“Há quem afirme serem nove as musas. Que erro! Pois não vêem que Safo de Lesbos é a décima?!”* (PLATÃO)

Safo compunha poesia para ser cantada ao som da lira. Por conta dessa tradição oral, suas composições só

começaram a ser estabelecidas em texto [*formato escrito*] por volta do Século III (a.n.e.). Dos nove livros que registravam sua produção poética, que foram compilados pelos eruditos da Biblioteca de Alexandria, restou apenas um único poema completo, chamado *Hino à Afrodite*, e cerca de duzentos fragmentos.

Safo representa um enigma intrigante na história da humanidade, a começar que, em um tempo estranho onde pouquíssimas mulheres foram citadas e reverenciadas, de forma explícita, ela o foi e não apenas isto, como impôs sua marca artística com tamanha ferocidade no tempo que mesmo todos os maiores pensadores, poetas e literatos conhecidos da história do mundo ocidental se rendem ao seu charme e elegância na exposição de seus versos, onde se apresenta explícito o conflito existencial humano.

As composições de Safo são poesias românticas, libidinosas ao ponto de colocar o sentimento de paixão em contraste com a lucidez e a harmonia que os humanos desejam de modo consciente, mas que, em seus mundos inconscientes continuam a desejar, de forma latente, o que pode ser melhor que a certeza das suas buscas interiores por segurança e equilíbrio; eis aí, o conflito posto em ação, o desejo entre o que se pode ter e o que se tem à disposição e aquilo que está fora do alcance e assim deve permanecer, porque a sua conquista conduz a um desastre espiritual.

Safo foi uma mulher de força inigualável, fato até recorrente na Grécia, em que toda a [*aparente*] misoginia dos gregos era uma *imposição autoritária de Estado* e não, necessariamente, uma condição natural de seus estados puros de espírito. Devido a querelas políticas, foi exilada por várias vezes. No primeiro exílio, em Pirra, consta que Alceu tenha lhe enviado um convite amoroso: “Oh pura Safo, de violetas coroada e de suave sorriso, queria dizer-te algo,

mas a vergonha me impede.” Não se sabe se este *affair* teve consequências, mas que Safo respondera-lhe, então: “Se teus desejos fossem decentes e nobres e tua língua incapaz de proferir baixeiras, não permitirias que a vergonha te nublasse os olhos - dirias claramente aquilo que desejassem.”

Sobre o fato específico de muito pouca coisa se ter de conhecimento sobre Safo, este é um problema estrutural da própria Grécia e não especificamente relacionado a um único nome. O momento em que ela vive (Século VII-VI a.n.e.) a escrita ainda não estava consolidada e mesmo no Século V (a.n.e.) não era praxe escrever biografias dos nomes de destaque que ali existiam, até mesmo porque não havia escolas de formação em formato de preocupar-se com a posteridade.

Ela foi tão importante e seus versos determinaram tanto poder que, no Século III (a.n.e.), seus poemas são transcritos da tradição oral para a escrita. Os gregos eram amantes impecáveis da Estética e neste aspecto, ela soube expressar, de modo inigualável, na composição de seus poemas, utilizando uma métrica que somente se vê repetida pelas mãos de John Milton (1608-1674), em seu poema épico *Paradise Lost*, publicado, originalmente, em 1667.

Safo explorou, com incomparável maestria, a poesia existencialista, onde representava o conflito *patológico* humano, realizando uma profunda catarse, a partir de seus sentimentos ambíguos e conflituosos. Teria sido sacerdotisa de Afrodite e isto, muito possivelmente, a teria consumido ao envolver nos mistérios da Deusa. Tudo isto se passa no campo da especulação e mesmo que seja fato, não existem provas materiais que o confirmem. Esta ausência de dados sobre determinados autores se revela como um problema comum deste momento da história e os estudiosos devem

dar-se por muito satisfeitos em ter a própria obra do pensador/autor/poeta como sua fonte primária de estudos.

O poema a que me dediquei a analisar neste ensaio, mesmo sendo apenas um fragmento, já dá mostras de toda a força que ela impunha nas palavras e expressões e, como já abordado amplamente, esta potência retórica era uma expressão catexial de sua própria força endógena. Uma coisa que os gregos valorizavam, sobremaneira, era a capacidade de expressão oral e pelos textos já se nota que, para ser uma poetisa que alcançou tamanho respeito, seu poder de expressividade oral deveria ser algo digno de inveja. Sendo moradora da Magna Grécia, deve ter tido aulas com os maiores oradores de seu tempo, uma vez que fora desta religião que surgiram os pensadores que Platão classificou como Sofistas, grandes oradores e retóricos que são atraídos para a Pólis de Atenas e que lá ensinam esta arte que os cidadãos desta cidade, que tanto admiravam a arte do bem falar e do bem expressar.

À *Átis* é um poema clássico, ainda que refira-se a ele como um fragmento, a sua exuberância semântica é tão poderosa que, caso alguém, em algum momento qualquer, venha a afirmar que trata-se de um soneto, uma ode e que é tão somente aquilo que ali está posto, sendo nada mais que a representação retórica escrita de um suspiro da Musa Safo, estaria tentado a acreditar nisto. É uma peça de arte poética inigualável na história humana do Ocidente; oxalá, poder ir além e poder afirmar que seu brio não encontra equiparação estética na história de toda a humanidade.

EPÍLOGO

Safo é uma figura feminina inigualável na história da humanidade. Nenhuma outra mulher teve um talento tão elevado a ponto de ser exaltado pelas figuras conhecidas como as mais misóginas da Grécia Clássica e sua obra ser transcrita pelo Estado, a fim de fazer parte da maior biblioteca que o mundo antigo conheceu: A Biblioteca de Alexandria. Nenhuma honraria foi dada a outra mulher, nesta mesma magnitude, nem antes, nem depois dela.

Safo foi o tipo de mulher que viveu intensamente todas as dores e todas as alegrias que a vida lhe ofereceu, sem questionar as suas causas. Por isto sofreu, parecendo em seus versos que tudo aquilo era um tipo de expressão de metamorfose, em que incorporava todo o *pathos* que a consumia, despertando o brilho e o fragor da existência pura, dinâmica, embalada ao som da lira, declamando versos que mais pareciam aos ouvintes como que saindo da boca do próprio Deus Apolo, tendo a própria Deusa Afrodite a aspergir pétalas de rosas vermelhas, tamanho deveria ser a expressão de entusiasmo com que declamava seus versos imortais, exaltando o amor e a paixão, o conflito entre Eros e Thánatos.

O Autor



SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA

Graduado em Filosofia e Sociologia. Psicanalista. Doutor em Ciências Pedagógicas. Pós-Doutor em Psicologia.

ISBN 978-659956923-4



9

786599

569234

 **UNIGALA**
EDITORA